

## Pequenos agricultores do RS apostam na silvicultura

Produção de eucalipto, pinus e acácia negra agrega renda a propriedades rurais **Caderno Empresas&Negócios**



TÂNIA MEINERZ/JC

Painel Mapa Econômico RS, realizado pelo Jornal do Comércio em Porto Alegre, debateu temas como insegurança jurídica e infraestrutura p. 9 a 12

## Lideranças debatem o desenvolvimento econômico da Macrorregião Metropolitana

**AGRONEGÓCIO** p. 8

**Canola ganha espaço em solo gaúcho e área deve crescer 30%**

**IMPRENSA** p. 8

**Agro do Jornal do Comércio passa a publicar cotação de ovinos no RS**



DANI BARCELLOS/ESPECIAL/JC

Economista Ricardo Hingel critica sistema tributário no País

**ENTREVISTA ESPECIAL**

**Ricardo Hingel aponta a alta carga tributária como entrave ao desenvolvimento**

Economista observa que tributos superam 30% do PIB do Brasil desde os anos 1990, o que atrasa o avanço econômico do País, diminuindo o volume de investimentos. p. 20 e 21

**INDÚSTRIA**

**Diretor da CMPC descarta fábrica no Paraguai e se diz confiante em projeto no RS**

Painelista no evento Mapa Econômico do RS, o diretor-geral da CMPC no Brasil, Antonio Lacerda, apontou a insegurança jurídica como um dos principais entraves ao crescimento econômico gaúcho. Mas mostrou confiança no avanço do projeto de R\$ 27 bilhões em uma fábrica de celulose em Barra do Ribeiro, dizendo que a empresa escolheu o RS. p. 10

**ORIENTE MÉDIO**

**EUA e Irã ainda não venceram impasse sobre o Estreito de Ormuz**

O presidente dos EUA, Donald Trump, sugeriu que pode cobrar um pedágio de passagem no Estreito de Ormuz se não houver acordo com o Irã nas negociações de paz em curso. A Guarda Revolucionária do Irã e o comando militar iraniano anunciaram novo fechamento do Estreito de Ormuz ao tráfego de embarcações. p. 22

**Indicadores**

19 de junho de 2026



**+0,03%**

**B3**

**Volume: R\$ 66,492 bi**  
O apetite maior do investidor estrangeiro por ações de tecnologia – ilustrado na alta de 3% do Nasdaq – tirou o fluxo da B3, que fechou aos 168 mil pontos na sexta-feira. O dólar fechou em baixa, aos R\$ 5,16.

No mês	No ano	Em 12 meses
-3,14%	+4,47%	+21,35%

**Dólar**

Comercial.....	5,1643/5,1648
Banco Central.....	5,1436/5,1442
Turismo.....	5,2100/5,3080

**Euro**

Comercial.....	5,9260/5,9280
Banco Central.....	5,8966/5,8978
Turismo.....	6,0500/6,1460

**REPORTAGEM ESPECIAL | PÁGINAS 5, 6, 7, 8, 9 E 10**

# Silvicultura ganha espaço e amplia renda na agricultura familiar gaúcha



## REPORTAGEM ESPECIAL

# Silvicultura se consolida como alternativa de renda e sustentabilidade

**Agricultores familiares têm optado pelo plantio de árvores para diversificação produtiva, como alternativa mais resistente às adversidades climáticas como estiagem e chuvas intensas.**

Ana Esteves

Especial para o JC

A silvicultura entrou na vida do agricultor Charles Pigatto, de Ivorá, na Região Central do Rio Grande do Sul, como alternativa para driblar problemas causados pelas mudanças climáticas que, há alguns anos, vêm trazendo prejuízos e perdas nas lavouras dos produtores gaúchos.

A decisão por adotar o plantio de eucalipto como forma de diversificar a produção veio após uma quebra expressiva na lavoura de soja que Pigatto cultiva, seguindo a tradição da família de imigrantes italianos que começou com o avô dele. “Faz 20 anos que planto eucalipto, pois é uma cultura que nos dá uma certa tranquilidade, seja nos anos de chuva em excesso ou de seca, ele continua produzindo. Um pouco da madeira eu uso na propriedade e outro tanto vendo”, conta o agricultor.

As florestas plantadas viraram alternativa de renda para muitas famílias de produtores gaúchos, tanto para superar crises e incrementar a renda quanto como alternativa de diversificação na propriedade. O extensionista rural e coordenador estadual das áreas de silvicultura e sistemas agroflorestais da Emater/RS-Ascar, Antônio Carlos Leite de Borba, afirma que a silvicultura comercial apresenta boas perspectivas de crescimento nesse nicho. Segundo ele, o avanço é impulsionado pelo aumento da demanda por madeira, tanto para uso interno nas propriedades quanto para os mercados regionais de energia, construção e secagem.

Borba destaca ainda que a baixa expansão dos plantios nos últimos anos criou uma lacuna de oferta, estimulando novos investimentos. Outro fator que favorece a atividade é a simplificação da legislação ambiental, que reduziu a burocracia, especialmente para pequenos e médios produtores.

“Além disso, a atividade vem sendo cada vez mais reconhecida como uma estratégia de diversificação de renda, permitindo a entrada de recursos em períodos distintos das atividades tradicionais, como grãos e pecuária”, diz.

Dados da Associação Gaúcha de Empresas Florestais (Ageflor), no Rio Grande do Sul, apontam que, em 2023, o setor movimentou R\$ 3,8 bilhões no Estado, com uma área plantada de 974 mil hectares de cultivos florestais, representando 9,5% da área plantada nacional.

Os três gêneros florestais mais cultivados em escala comercial em solo gaúcho são eucalipto, pinus e acácia-negra, para suprir diferentes setores da cadeia produtiva florestal. Desse montante, a área de eucalipto representa 63,3% dos plantios no Estado, totalizando cerca de 617 mil hectares.

O pinus representa 29,5%, com 287 mil hectares, enquanto a acácia-negra ocupa 6,9% da área de florestas plantadas, o que representa 67 mil hectares. A silvicultura é praticada nos 497 municípios gaúchos, e todos contam com plantios de eucalipto, 369 com pinus e 120 com acácia-negra.

Leia mais nas próximas páginas >>



Pigatto, de Ivorá, investe na alternativa para driblar problemas causados pelas mudanças climáticas

## REPORTAGEM ESPECIAL

FERNANDO DIAS/DIVULGAÇÃO/JC



Pequenas e médias propriedades vêm se destacando na indústria de base florestal, impulsionadas por programas de fomento desenvolvidos por empresas do segmento

# Agricultura familiar ganha espaço na produção florestal

**Ageflor aposta no crescimento da participação dos pequenos e médios produtores no plantio de madeira**

Ana Esteves  
Especial para o JC

A participação da agricultura familiar no contexto da indústria de base florestal tende a aumentar nos próximos anos, graças aos programas de fomento desenvolvidos pelas indústrias de base florestal associadas da Associação Gaúcha de Empresas Florestais (Ageflor), que promovem e subsidiam a atividade nas pequenas propriedades.

“Os programas de fomento oferecem diferentes modelos de remuneração, com contratos indexados ao preço do quilo do boi, aos grãos ou a valores monetários fixos. Isso garante uma

receita mínima ao produtor e mais segurança no desenvolvimento da atividade”, afirma o vice-presidente adjunto da Ageflor, Ruter Disarz.

Para o executivo, a pulverização da participação das pequenas e médias propriedades na atividade é fundamental para que haja condições de abastecer as indústrias e, junto com isso, gerar renda, trabalho, conservação ambiental e maior segurança em tempos de mudanças climáticas.

“Num cenário de instabilidade climática, a silvicultura traz uma maior salvaguarda para o produtor, pois se trata de uma atividade perene, de baixo risco para os principais intempéries, onde o produtor pode ter uma garantia de produção, de produtividade e hoje uma garantia de comercialização dos seus produtos, sendo que é uma rentabilidade com a preservação do meio ambiente e um desenvolvi-

mento local das atividades com geração de emprego e desenvolvimento regional”, avalia Disarz.

Embora algumas vezes associada a impactos ambientais, a silvicultura pode desempenhar papel importante na recuperação de áreas degradadas e na proteção do solo quando desenvolvida de forma sustentável. Os impactos negativos estão associados, em geral, a práticas inadequadas de cultivo.

Em termos médios, para cada um hectare plantado há outro hectare conservado, vinculado a áreas de preservação permanente, reserva legal, remanescente de vegetação nativa, tanto florestal como campestres. “O mercado do carbono é um potencial e o Brasil vem caminhando nesse sentido, visando normatizá-lo. Entendemos que nos próximos anos será possível mensurar rendas extras para a atividade”.

Os agricultores familiares po-

dem se inserir na cadeia de base florestal de diversas maneiras, tanto atuando de forma independente, como para a indústria de energia, na geração de biomassa, de cavaco, de lenha, na indústria de processamento de madeira sólida, para a indústria de serrarias, madeira serrada para móveis, para construção civil, pode também trabalhar nas indústrias de painéis de madeira e para indústria da celulose.

Para Disarz, a atividade oferece versatilidade comercial e ganhos de competitividade. “O produtor pode atender diferentes mercados e, quando está próximo de uma indústria de base florestal, obtém vantagem logística e econômica”, afirma. O mercado de carbono também desperta o interesse de produtores e indústrias florestais. Em muitas propriedades, a área preservada supera a destinada à silvicultura, o que pode abrir espaço para futuros ganhos relacionados à

conservação ambiental.

O executivo acrescenta que um dos principais entraves da participação da agricultura familiar na silvicultura é o acesso a linhas de crédito específicos para essa atividade de longo prazo, que podem levar de sete a 20 anos para ter resultado. Isso requer um grande fluxo de caixa nos anos iniciais e que muitas vezes, para a agricultura familiar, é um grande complicador.

“Não há linhas de crédito com juros acessíveis ou linhas subsidiadas pelo governo para que os produtores da agricultura familiar possam fazer esse investimento, para que possam fazer um aporte inicial sem comprometer outras atividades”, afirma. É justamente aí que os programas de fomento vêm auxiliar, mas, segundo Disarz, políticas públicas seriam fundamentais, principalmente de acesso a crédito subsidiado para atividade florestal na agricultura familiar.



## REPORTAGEM ESPECIAL

*Florestas têm papel estratégico na geração de renda e sustentabilidade do agro*

Ana Esteves

Especial para o JC

Não são apenas os 12,1 milhões de hectares de vegetação nativa do Estado que têm papel estratégico para o meio ambiente e para a sustentabilidade da agropecuária no Rio Grande do Sul. As florestas comerciais também entram nesse escopo e contribuem para a conservação da biodiversidade, proteção dos recursos hídricos e armazenamento de carbono, além de ajudarem a reduzir impactos de eventos climáticos extremos.

“As florestas plantadas também ganham importância no enfrentamento das mudanças climáticas, especialmente em sistemas integrados de lavoura, pecuária e floresta, capazes de neutralizar emissões da pecuária e ampliar a renda no campo”, afirma o pesquisador da Embrapa Pecuária Sul, Hélio Tonini.

**Empresas & Negócios - De que forma as florestas plantadas contribuem para a mitigação das mudanças climáticas e para o sequestro de carbono?**

**Hélio Tonini** - As florestas desempenham um papel fundamental na mitigação das mudanças climáticas especialmente no que diz respeito à remoção de gases de efeito estufa (GEE) da atmosfera ao sequestrar e armazenar carbono. Neste aspecto as florestas plantadas devido ao rápido

crescimento e alta produtividade são muito eficientes. Estudos realizados por diferentes unidades da Embrapa têm demonstrado que a inserção de árvores em pastagens em sistemas silvipastoris tem grande potencial para neutralizar as emissões do rebanho bovino, o que é muito importante para o Brasil, um dos maiores exportadores mundiais de proteína animal, com um rebanho estimado em 238 milhões de cabeças. Portanto, aumentar a área com plantios florestais, especialmente em sistemas silvipastoris, tem grande potencial para mitigar emissões de gases de efeito estufa e abrir novos mercados para o País em um mundo com consumidores cada vez mais exigentes em relação a sustentabilidade ambiental e ao bem-estar animal.

**E&N - O senhor acredita que as florestas comerciais podem se tornar uma das principais alternativas de diversificação de renda para a agricultura familiar?**

**Tonini** - Sim, é uma tendência e a maior oportunidade está nos sistemas integrados, já que as árvores podem ser incorporadas na pecuária de corte, de leite e nas lavouras, ou seja, a floresta deixa de competir e passa a complementar a produção agropecuária. Por exemplo, a introdução de árvores em campos nativos do Pampa pode ser feita sem a sua substituição, desde que as árvores estejam em arranjo e espaçamento adequados. Pode-se manter a

pecuária com boa produtividade, durante todo o ciclo do componente florestal, agregando serviços ambientais propiciados pelas árvores como o bem-estar animal. Isso é uma vantagem que ainda não foi percebida pelos produtores e nem pelo setor florestal.

**E&N - Qual é o perfil dessas propriedades familiares que trabalham com silvicultura no Rio Grande do Sul?**

**Tonini** - No Rio Grande do Sul, a maior parte das florestas plantadas se distribui entre as empresas florestais, produtores rurais fomentados por algum segmento industrial e propriedades com integração agropecuária. As pequenas propriedades familiares localizadas na Serra, Centro-Norte, Vale do Taquari e Alto Uruguai se caracterizam por plantios em pequena escala de eucalipto, erva-mate e pinus (predominante na Serra e Nordeste). Nas médias propriedades rurais, predominantes na Campanha, na Depressão Central e na Metade Sul, são mais comuns os plantios de eucalipto e acácia, frequentemente vinculados a programas de fomento da indústria. Já as grandes propriedades, também concentradas nessas regiões, costumam manter extensas áreas contínuas destinadas à produção de celulose, carvão vegetal e madeira sólida.

**E&N - Qual é a participação da agricultura familiar na cadeia florestal gaúcha atualmente?**

**Tonini** - A agricultura familiar

possui uma forte participação no cultivo de acácia e erva-mate e no fornecimento de lenha e madeira para uso regional em pequenas serrarias. Cultivos tradicionalmente associados à agricultura familiar como o do tabaco, plantados por aproximadamente 68 mil famílias, utilizam pequenas florestas de eucalipto como fonte energética estratégica para a secagem. A erva-mate é cultivada por cerca de 14 mil produtores familiares e a acácia-negra por cerca de 40 mil famílias.

**E&N - Quais espécies florestais são mais utilizadas por pequenos produtores no Sul do Brasil e por quê?**

**Tonini** - No Rio Grande do Sul, as principais são o eucalipto, várias espécies e materiais genéticos, com 617 mil hectares, o pinus, predominantemente pinus taeda e pinus elliottii, com 287 mil hectares, a acácia-negra com 67 mil hectares, e a erva-mate, com 34 mil hectares.

**E&N - A integração entre agricultura, pecuária e floresta tem avançado no País? Quais benefícios esse modelo oferece ao produtor?**

**Tonini** - Estima-se que estão em entre 17 e 18 milhões de hectares, o que representa um aumento de oito vezes em área plantada, nos últimos 15 anos. No Rio Grande do Sul, são 2 milhões de hectares. A predominância é de sistemas de integração lavoura-pecuária (90%),

GABRIEL AQUERE/DIVULGAÇÃO/JC



Tonini destaca papel da silvicultura frente às mudanças climáticas

porém, os sistemas com árvores vêm crescendo rapidamente no Brasil com uma expansão acumulada de 80% nos últimos dois anos, principalmente na região Centro-Oeste. Os benefícios para o produtor são vários, mas podemos enfatizar a diversificação de renda, redução de risco econômico, maior resiliência climática e melhoria do bem-estar e conforto térmico animal na presença de árvores nos sistemas.

*Investimentos iniciais relativamente elevados estão entre os principais gargalos*

Apesar das perspectivas positivas, o setor ainda enfrenta desafios importantes. Um dos principais gargalos apontados é a necessidade de investimentos iniciais relativamente elevados para uma atividade de retorno de médio e longo prazo.

Embora existam linhas de financiamento, especialmente por meio do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), produtores ainda enfrentam dificuldades relacionadas ao acesso ao crédito, à oscilação do preço da madeira e aos custos de colheita e transporte. A logística é considerada um dos principais entraves para pequenos produtores, especialmente em regiões onde há pouca estrutura industrial ou grande distância dos centros consumidores.

“O transporte da madeira e as operações de colheita exigem equipamentos especializados e podem comprometer parte da rentabilidade”, explica o coordenador estadual das áreas de silvicultura e sistemas agroflorestais da Emater/RS-Ascar, Antônio Carlos Leite de Borba. Outro desafio está na escala de produção, pois pequenos volumes individuais dificultam a negociação direta com grandes compradores, o que reforça a necessidade de fortalecimento de cooperativas, associações e arranjos produtivos locais.

“Hoje, a cadeia produtiva da madeira no Estado funciona de forma descentralizada. Parte significativa da produção familiar é absorvida localmente, seja por propriedades vizinhas, pequenas serrarias, agroindústrias ou pela

demanda ligada à armazenagem de grãos e à pecuária”. Em volumes maiores, a madeira segue para polos regionais e indústrias ligadas à produção de energia, serrarias e celulose. Ainda assim, o setor avalia que a cadeia precisa avançar em organização, infraestrutura e integração dos pequenos produtores.

A expansão da silvicultura também vem acompanhada de debates sobre sustentabilidade e conservação ambiental. Segundo a Emater, a atividade pode ser conciliada com a preservação dos recursos naturais desde que o plantio siga critérios técnicos e respeite a legislação ambiental. As orientações incluem implantação das florestas fora de Áreas de Preservação Permanente (APPs), manutenção da vegeta-

ção nativa em nascentes e margens de rios, planejamento adequado do uso da terra e adoção de práticas de conservação do solo e da água. Entre as medidas recomendadas estão o plantio em áreas degradadas, manutenção da cobertura vegetal, redução da compactação do solo e planejamento das estradas internas e operações mecanizadas.

A instituição também destaca que a silvicultura pode contribuir para proteção ambiental ao aumentar a infiltração e armazenamento de água no solo, reduzir erosão e auxiliar na mitigação de eventos climáticos extremos. “Além das espécies exóticas de rápido crescimento, como eucalipto e pinus, cresce o incentivo ao plantio de espécies nativas, especialmente em projetos de

recuperação ambiental, sistemas agroflorestais e silvipastoris”, completa Borba.

Segundo o extensionista rural Sérgio Morgensten, do Escritório Municipal da Emater/RS-Ascar de Novo Barreiro, no Norte do Estado, o sistema de integração florestas-pecuária por meio de florestas comerciais também contribui para o bem-estar animal. “É uma alternativa para o produtor trabalhar com sombreamento para o gado de leite e de corte. Além disso, representa uma importante fonte de geração de renda”, explica. Morgensten destaca que o pinus, por exemplo, possui múltiplas finalidades, podendo ser utilizado na produção de móveis, pallets, caixas, palanques e até como fonte de energia e combustível.

## REPORTAGEM ESPECIAL

*Acácia-negra vira motor do agronegócio familiar no Rio Grande do Sul*

A história da silvicultura comercial gaúcha está intimamente ligada à expansão da acácia-negra e ao desenvolvimento de uma cadeia produtiva que hoje envolve milhares de agricultores familiares. Atualmente, mais de 80% dos plantios da espécie no Estado estão localizados em propriedades com menos de 20 hectares. Cerca de 6 mil famílias cultivam a espécie no Rio Grande do Sul, obtendo renda com a comercialização da casca e da madeira.

“A maior parte do fornecimento de matéria-prima da empresa vem de pequenos e médios produtores rurais. Oferecemos mudas melhoradas, adubo, assistência técnica e, dessa forma, esses fornecedores obtêm maior produtividade que a média do mercado. E a empresa também opera com plantios próprios”, afirma o diretor presidente da Seta S/A, Diogo Leuck.

A empresa atua em diferentes etapas da cadeia produtiva, desde a pesquisa genética e produção de sementes até o plantio, colheita, fabricação de cavacos de madeira, exportação de toras e de-

envolvimento de novos produtos derivados do tanino.

“A expectativa é positiva para os próximos anos, pois os investimentos em biocombustíveis, especialmente na produção de etanol de segunda geração, devem impulsionar o consumo de biomassa florestal”, aponta Leuck. Além disso, a indústria moveleira vem ampliando o raio de busca por matéria-prima, sinalizando oportunidades para novos plantios.

A sustentabilidade é outro diferencial, pois a acácia-negra é uma espécie leguminosa capaz de fixar nitrogênio no solo, contribuindo para a recuperação de áreas degradadas. Além disso, aproximadamente 55% das áreas vinculadas à atividade são destinadas à preservação ambiental, incluindo Áreas de Preservação Permanente (APPs) e reservas legais, pois, para cada um hectare de floresta de acácia, a empresa conta com 1,22 hectares de preservação.

A empresa também aposta em inovação para ampliar a competitividade da cadeia produtiva com a chegada ao mercado dos

primeiros resultados do programa de melhoramento genético, com mudas com potencial para produzir até 80% mais madeira, além de proporcionar maior uniformidade e qualidade para fins industriais. “Além disso, os novos usos do tanino vêm ampliando o mercado da acácia-negra. Antes concentrado no curtimento de couro, o produto hoje é utilizado em segmentos como tratamento de água e efluentes, nutrição animal, cosméticos, bebidas, alimentos, construção civil e bioprodutos”, diz Leuck.

Mas, apesar do histórico de crescimento, o setor como um todo atravessa um momento desafiador pela desaceleração de mercados consumidores, o que levou à redução da demanda global por madeira e pressionou os preços. O executivo também aponta como gargalos a alta carga tributária e o alto custo logístico, pela dependência do modal rodoviário.

“O Estado está muito distante dos grandes mercados consumidores, como Ásia, UE e EUA. A alta do custo do diesel nos impactou muito mais do que outros estados ou países”, aponta.



Leuck está otimista com a produção de etanol de segunda geração

*Dexco aposta em parceria com pequenos produtores para fortalecer cadeia florestal*

DEXCO/DIVULGAÇÃO/JC



Empresa fomenta 242 produtores em 19 municípios do RS, diz Machado

No Rio Grande do Sul, a relação com pequenos e médios produtores rurais ocupa papel importante dentro da estratégia da Dexco S/A. No Vale do Taquari, a empresa mantém um dos mais antigos programas de fomento florestal do País, beneficiando atualmente 242 produtores distribuídos em 19 municípios, cujas propriedades possuem área média de 19 hectares e recebem assistência técnica, segurança de investimento e garantia futura de compra da madeira.

O programa contribui para a diversificação da renda das famílias e para o fortalecimento econômico das comunidades onde a atividade florestal está inserida. “A iniciativa já atravessou períodos de instabilidade econômica, eventos climáticos extremos e até a pandemia de Covid-19, mantendo o relacionamento com os produtores e buscando soluções conjuntas para os desafios enfrentados no campo”, afirma o diretor florestal da companhia, Anderson Lins Machado.

Com 75 anos de história completados em 2026, a empresa consolidou sua posição como a maior produtora brasileira de painéis de

madeira industrializada e uma das principais referências do setor florestal nacional. Um dos marcos históricos da empresa ocorreu em 1995, quando se tornou a primeira do Hemisfério Sul a conquistar a certificação FSC de manejo florestal, reconhecimento internacional que atesta a gestão responsável das florestas.

Desde então, a companhia ampliou sua atuação e fortaleceu marcas conhecidas do mercado brasileiro, como Duratex e Durafloor. “A empresa administra mais de 194 mil hectares de áreas de manejo florestal e atua de forma integrada em toda a cadeia produtiva, desde o cultivo de florestas plantadas até a fabricação de painéis, pisos e participação na produção de celulose solúvel”, relata Machado.

Apesar dos desafios enfrentados pelo setor, a companhia avalia que o mercado apresenta perspectivas positivas. Mesmo com os reflexos dos juros elevados sobre a construção civil, há sinais de recuperação gradual da demanda por reformas e habitação. Além disso, cresce o interesse por materiais renováveis e produtos com certi-

ficação ambiental, tendência que favorece empresas que já incorporaram critérios ESG (práticas ambientais, sociais e de governança corporativa) às suas operações.

Entre os principais obstáculos da cadeia florestal atualmente estão os custos logísticos, a infraestrutura de transporte e os impactos das mudanças climáticas. O aumento da frequência de estiagens e do risco de incêndios exige investimentos constantes em monitoramento e planejamento das operações.

Para enfrentar esse cenário, a Dexco vem ampliando investimentos em automação, transformação digital e Inteligência Artificial. Na área florestal, tecnologias voltadas ao monitoramento climático e ao manejo adaptativo buscam aumentar a produtividade e a resiliência das plantações. A companhia também mantém iniciativas de inovação aberta por meio do DX Ventures, fundo voltado à aproximação com startups e novas soluções para os setores de construção e habitação.

## REPORTAGEM ESPECIAL

*Família Souza transforma silvicultura em sucesso econômico no Vale do Taquari*

Ana Esteves

Especial para o JC

O acesso ao crédito rural tem sido um dos principais instrumentos para o desenvolvimento de negócios ligados ao agro, assim como a resiliência dos agricultores gaúchos. Foi o que ocorreu com a família Souza, de Paverama, no Vale do Taquari.

O cultivo de eucalipto começou como uma alternativa para diversificar a propriedade, que também produzia milho e mantinha pecuária de corte. Com o tempo, a família percebeu que a silvicultura, por si só, poderia se tornar um excelente investimento.

“Meu pai começou com as áreas de eucalipto em 2003 e, tempos depois, resolveu empreender e reergueu uma serraria que estava sucateada, iniciando a produção de madeira para carvão. O negócio prosperou e hoje é nossa fonte de renda a partir da produção de madeira para a indústria de paletes, cavaco para caldeiras e serragem”, relata Marcelo Elias de Souza, que trabalha junto com o pai, Marcelo de Souza, e o irmão Mateus Felipe.

A família transformou uma pequena atividade florestal em um empreendimento consolidado e gerador de emprego e renda a partir de estratégias de planejamento e busca por apoio financeiro. Ao longo dessa trajetória,

o crédito teve papel decisivo para viabilizar investimentos e acelerar o crescimento da empresa.

Cliente do Sicredi há mais de 15 anos, os Souza encontram na cooperativa financeira uma parceira para financiar projetos e ampliar sua capacidade produtiva. Desde a aquisição de equipamentos até investimentos em infraestrutura, o acesso a linhas de crédito permitiu que a empresa avançasse em diferentes etapas do seu desenvolvimento. “Encontramos uma parceria importante no Sicredi, e muitos dos investimentos realizados ao longo dos anos tiveram apoio da cooperativa”, afirma Souza.

O assistente de negócios agro da Sicredi Ouro Branco, de Teutônia, Júlio César Kreutz, relata que a família Souza utiliza principalmente linhas de crédito para investimento e seguros rurais. Segundo ele, a trajetória da propriedade ilustra a transformação vivida por muitos produtores da região. “O Marcelo (pai) começou a atividade com recursos bastante limitados e, ao longo dos anos, conseguiu estruturar a propriedade e preparar a sucessão para a próxima geração”, afirma.

Kreutz destaca que o acesso a soluções financeiras e o acompanhamento técnico contribuem para a manutenção e a expansão das atividades rurais, especialmente em projetos de longo pra-



Marcelo Elias (direita) atua junto nos negócios com o pai Marcelo (centro) e o irmão Mateus Felipe (esquerda)

zo, como a silvicultura, além de auxiliar no processo de sucessão familiar. Marcelo Elias conta que o pai começou a trabalhar muito jovem, com pouca estrutura e muitas dificuldades.

No início, não tinha nem ferramentas adequadas para a atividade, mas, com esforço, foi evoluindo, comprando suas primeiras áreas de terra e também seu primeiro caminhão. “No começo não foi fácil, pois a serraria precisava de muitas melhorias”,

lembra. Com o tempo, foram se organizando, investindo e fazendo o negócio evoluir. “Hoje, a serraria está estruturada, com prédio novo, trator, caminhões, equipe de trabalho e produção organizada”, diz o empreendedor.

A madeira utilizada vem, em grande parte, das próprias áreas de terra, que somam mais de 200 hectares distribuídos entre os municípios de Paverama, Triunfo, Taquari e Tabaí. A família se dedica a todo o processo

produtivo: desde o plantio, manejo até a transformação da matéria-prima conforme a demanda da indústria.

Entre as vantagens da silvicultura, Marcelo Elias destaca o fato de ser um investimento certo. “É demorado, um investimento a longo prazo que leva de 8 a 10 anos para colher, mas é um investimento bem consolidado que vale a pena. Nossa produção é de 2 mil metros cúbicos de madeira por mês”, destaca.

*Eucalipto garante renda e proteção ambiental em propriedade familiar de Ivorá*

Em meio aos desafios impostos pelas mudanças climáticas e pela volatilidade dos mercados agrícolas, o produtor rural Charles Pigatto, de Ivorá, encontrou na silvicultura uma alternativa capaz de diversificar a renda da propriedade, reduzir riscos e contribuir para a conservação ambiental. Filho e neto de agricultores, Pigatto mantém a tradição familiar trabalha com diversas atividades, como pecuária de corte e leite, piscicultura, lavouras de milho, soja, feijão e tabaco e com eucalipto, que se consolidou como uma das principais culturas da propriedade, ao longo das últimas duas décadas.

“Tivemos anos de excesso de chuva e outros de seca e era pre-

ciso encontrar uma atividade que sofresse menos com essas oscilações climáticas”, relata. Segundo o produtor, a principal vantagem do eucalipto está na sua estabilidade produtiva, pois, diferentemente das culturas anuais, altamente dependentes das condições climáticas de cada safra, a floresta mantém seu desenvolvimento mesmo em períodos de estiagem ou excesso de precipitação. “Se chove, o eucalipto continua produzindo. Se falta chuva, também. Isso traz uma tranquilidade muito grande para quem depende da agricultura”, afirma.

Além da estabilidade produtiva, a ampla variedade de aplicações da madeira é apontada como um diferencial importante. De-

pendendo da idade e das características das árvores, a produção pode ser destinada à construção civil, fabricação de tábuas, palanques, estruturas rurais, lenha para secagem de grãos e diversos outros usos. Nos primeiros anos da atividade, Pigatto comercializou grande volume de varas para construção civil, especialmente para empresas da região de Santa Maria. Hoje, a madeira segue abastecendo diferentes mercados. “O eucalipto oferece várias possibilidades de venda como escoreamento e construção, no caso de árvores mais novas. Depois, pode virar tora para serraria, palanque ou lenha. Sempre existe algum mercado”, explica.

Atualmente, parte da produção

é utilizada na propriedade para cercas, galpões, mangueiras e outras estruturas, e o restante é comercializado para diferentes segmentos do mercado madeireiro. Ao longo dos 22 anos trabalhando com eucalipto, Pigatto também passou a observar ganhos ambientais proporcionados pelas florestas plantadas. Um dos exemplos mais evidentes é a presença de abelhas, pois as espécies cultivadas apresentam períodos variados de floração ao longo do ano, fornecendo alimento para polinizadores em diferentes épocas.

“É impressionante a quantidade de abelhas que encontramos nas áreas de eucalipto durante a floração. Muitos apicultores da região aproveitam essa caracte-

rística”, destaca. A pecuária também se beneficia da arborização. Nos dias mais quentes, os animais buscam abrigo sob as árvores durante as horas de maior temperatura. “Entre 10h da manhã e 3h da tarde, normalmente o gado está nas áreas sombreadas pelos eucaliptos. Isso melhora muito o conforto dos animais”, afirma.

Outro resultado percebido está na recuperação de áreas degradadas com forte processo erosivo, onde a mecanização era inviável e outras culturas apresentavam baixo desempenho. “O sistema radicular do eucalipto ajuda a estabilizar o solo, tanto que em alguns pontos, onde praticamente nada crescia, o eucalipto conseguiu se desenvolver e produzir bem”, relata.